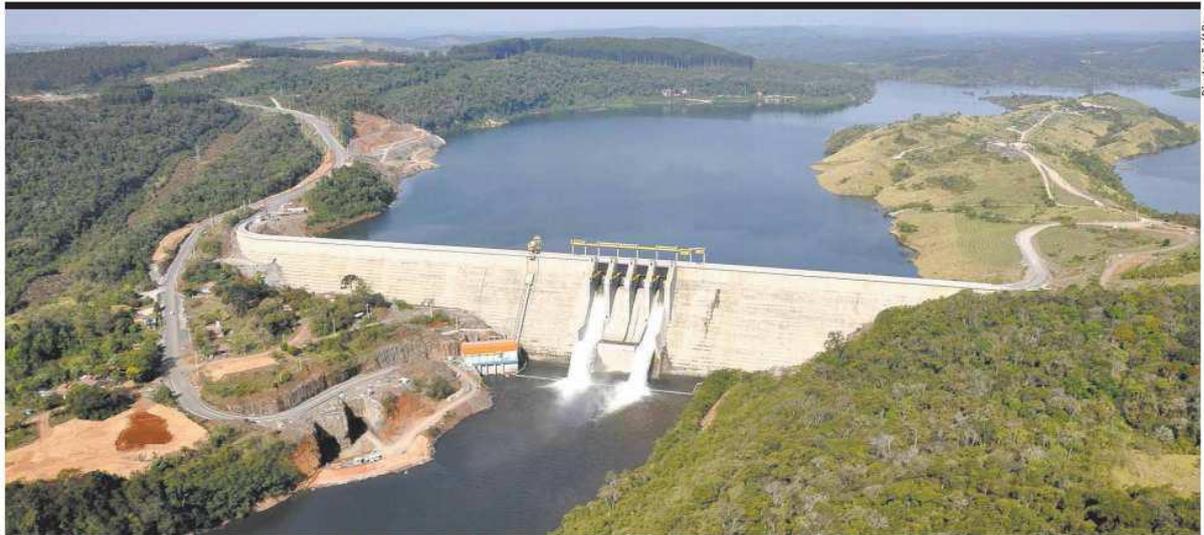


Indústria reage em defesa de grandes reservatórios hídricos

A Fiesp reuniu fornecedores e produtores de energia hidrelétrica para pressionar a sociedade por grandes obras

Fernanda Nunes



Hidrelétrica de Mauá, localizada na Paraná. Para o Instituto Acende Brasil, potencial de aproveitamento dos rios para grandes reservatórios alcançou o esgotamento

Indústria reage em defesa de grandes reservatórios hídricos

A Fiesp reuniu fornecedores e produtores de energia hidrelétrica para pressionar a sociedade por grandes obras

Fernanda Nunes
fernanda.nunes@brasileconomico.com.br

A indústria acirrou posição em defesa da construção de hidrelétricas com grandes reservatórios. Foi iniciada ontem pela Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) uma campanha publicitária que transmite a mensagem de que os grandes reservatórios são a melhor solução energética para o país. A campanha é uma ofensiva contra entidades de defesa socioambiental, contrárias aos grandes reservatórios, mas também um ato de proteção às empresas fornecedoras para grandes obras hidrelétricas, como as empreiteiras, segundo a Fiesp. A Federação diz ainda que a indústria está "traumatizada" com o aumento do custo da energia que ocorre desde o fim do ano passado, por conta do acionamento permanente das térmicas em um período estendido de seca dos reservatórios. As térmicas, que produzem energia mais cara, são a alternativa à geração hidrelétrica sempre que o nível dos reservatórios está baixo.

"O Brasil domina a tecnologia de geração hidrelétrica. Todo esse mercado é 100% atendido internamente. Mas os leilões de energia

do segundo semestre deste ano serão marcados pela geração térmica, cuja tecnologia é prioritariamente importada, principalmente, da China. Não é possível afirmar que a indústria brasileira terá condição de migrar sua produção para atender a essa nova demanda", argumenta o diretor do departamento de Infraestrutura da Fiesp, Carlos Cavalcanti. Ele acrescenta que as grandes empreiteiras do Brasil — com destaque para Odebrecht, Andrade Gutierrez e Camargo Corrêa — já lideraram um ranking mundial de construtoras com mais projetos de hidrelétricas, todas localizadas no Brasil. Entretanto, com a dificuldade crescente de licenciar esse tipo de usina no país, "hoje, o estoque de obra é maior fora do Brasil".

A Fiesp conta com a cooperação do setor elétrico para dar musculatura à sua campanha. Nos próximos dias 5 e 6, promoverá um seminário sobre o tema "Hidrelétrica com reservatório" no qual pretende reunir as grandes empresas. A intenção é criar uma agenda de reivindicações e posicionamento da indústria em favor da geração hídrica, sobretudo, as de reservatórios plurianuais, que possuem estoque suficiente para fazer fren-

Há apenas dois rios com potencial para hidrelétricas de grandes reservatórios — um na bacia do Xingu, outro na fronteira com a Bolívia. Ambos são inviáveis, diz o Acende Brasil

te ao consumo de um ano inteiro e ainda estender para o seguinte. "O problema é dialogar com a sociedade. A juventude do Brasil acha que construir hidrelétrica é um crime", diz Cavalcanti.

Ao seu lado, está o Comitê Brasileiro de Barragens (CBDB), instituição formada na década de 60, exatamente no período em que foram projetadas as grandes hidrelétricas brasileiras. A entidade passou décadas atuando para difundir práticas e tecnologias de interesse do setor hidrelétrico. Mais recentemente, aderiu à causa da retomada dos grandes reservatórios. Para isso, vem promovendo eventos em todo o país, na tentativa de mobilizar a opinião

pública. Aos críticos às hidrelétricas, que condenam os impactos socioambientais das usinas, o presidente da CBDB, Ertton Carvalho, responde: "Onde o homem toca, provoca impacto".

No Brasil, atualmente há apenas dois rios com potencial de construção de hidrelétricas de grandes reservatórios — um no rio Xingu, próximo à hidrelétrica de Belo Monte, e outro no rio Madeira, na fronteira com a Bolívia, segundo o Instituto Acende Brasil, entidade especializada no estudo do setor elétrico. "Ambos são inviáveis", afirma o presidente do instituto, Claudio Sales. O primeiro, por conta da dificuldade de aprovar um empreendimento em parceria com um país vizinho e o segundo, porque há uma decisão do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) em não construir nova hidrelétrica no rio Xingu. Hoje, o país conta com 191 hidrelétricas, das quais apenas 22 têm reservatórios plurianuais.

"Uma discussão realmente válida é se o país deve construir ou não hidrelétricas a fio d'água (com um pequeno reservatório. A conta a fazer é que medida de área aceitamos alagar para gerar a energia que precisamos", ressalta.

PRINCIPAIS USINAS

■ Região Sudeste/Centro-Oeste

Bacia do Paranaíba
UHE Emborcação
UHE Nova Ponte
UHE Itumbiara
UHE São Simão
Bacia do Rio Grande
UHE Furnas
UHE Mascarenhas de Moraes
UHE Marimbondo
UHE Água Vermelha
Bacia do Paraná
UHE Ilha/Três Irmãos
Bacia do Paranapanema
UHE Jurumim
UHE Chavantes
UHE Capivara

■ Região Sul

Bacia Iguazu
UHE S.Santiago
UHE G.B.Munhoz
UHE Segredo
Bacia Jacu
UHE Passo Real
Bacia Uruguai
UHE Passo Fundo

■ Região Norte

Bacia do Tocantins
UHE Tucuruí
UHE Serra da Mesa
FONTE: Instituto Acende Brasil

A indústria acirrou posição em defesa da construção de hidrelétricas com grandes reservatórios. Foi iniciada ontem pela Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) uma campanha publicitária que transmite a mensagem de que os grandes reservatórios são a melhor solução energética para o país. A campanha é uma ofensiva contra entidades de defesa socioambiental, contrárias aos grandes reservatórios, mas também um ato de proteção às empresas fornecedoras para grandes obras hidrelétricas, como as empreiteiras, segundo a Fiesp. A Federação diz ainda que a indústria está "traumatizada" com o aumento do custo da energia que ocorre desde o fim do ano passado, por conta do acionamento permanente das térmicas em um período estendido de seca dos reservatórios. As térmicas, que produzem energia mais cara, são a alternativa à geração hidrelétrica sempre que o nível dos reservatórios está baixo.

"O Brasil domina a tecnologia de geração hidrelétrica. Todo esse mercado é 100% atendido internamente. Mas os leilões de energia do segundo semestre deste ano serão marcados pela geração térmica, cuja tecnologia é prioritamente importada, principalmente, da China. Não é possível afirmar que a indústria brasileira terá condição de migrar sua produção para atender a essa nova demanda", argumenta o diretor do departamento de Infraestrutura da Fiesp, Carlos Cavalcanti. Ele acrescenta que as grandes empreiteiras do Brasil - com destaque para Odebrecht, Andrade Gutierrez e Camargo Corrêa - já lideraram um ranking mundial de construtoras com mais projetos de hidrelétricas, todas localizadas no Brasil. Entretanto, com a dificuldade crescente de licenciar esse tipo de usina no país, "hoje, o estoque de obra é maior fora do Brasil".

A Fiesp conta com a cooperação do setor elétrico para dar musculatura à sua campanha. Nos próximos dias 5 e 6, promoverá um seminário sobre o tema "Hidrelétrica com reservatório" no qual pretende reunir as grandes empresas. A intenção é criar uma agenda de reivindicações e posicionamento da indústria em favor da geração hídrica, sobretudo, as de reservatórios plurianuais, que possuem estoque suficiente para fazer frente ao consumo de um ano inteiro e ainda estender para o seguinte. "O problema é dialogar com a sociedade. A juventude do Brasil acha que construir hidrelétrica é um crime", diz Cavalcanti.

Ao seu lado, está o Comitê Brasileiro de Barragens (CBDB), instituição formada na década de 60, exatamente no período em que foram projetadas as grandes hidrelétricas brasileiras. A entidade passou décadas atuando para difundir práticas e tecnologias de interesse do setor hidrelétrico.

Mais recentemente, aderiu à causa da retomada dos grandes reservatórios. Para isso, vem promovendo eventos em todo o país, na tentativa de mobilizar a opinião pública. Aos críticos às hidrelétricas, que condenam os impactos socioambientais das usinas, o presidente da CBDB, Erton Carvalho, responde: "Onde o homem toca, provoca impacto".

No Brasil, atualmente há apenas dois rios com potencial de construção de hidrelétricas de grandes reservatórios - um no rio Xingu, próximo à hidrelétrica de Belo Monte, e outro no rio Madeira, na fronteira com a Bolívia, segundo o **Instituto Acende Brasil**, entidade especializada no estudo do setor elétrico. "Ambos são inviáveis", afirma o presidente do instituto, **Claudio Sales**. O primeiro, por conta da dificuldade de aprovar um empreendimento em parceria com um país vizinho e o segundo, porque há uma decisão do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) em não construir nova hidrelétrica no rio Xingu. Hoje, o país conta com 191 hidrelétricas, das quais apenas 22 têm reservatórios plurianuais.

"Uma discussão realmente válida é se o país deve construir ou não hidrelétricas a fio d'água (com um pequeno reservatório. A conta a fazer é que medida de área aceitamos alagar para gerar a energia que precisamos", ressalta.